

Uso, variação e norma em Prisciano: uma breve análise nos âmbitos moderno e antigo.

Filipe Cianconi Rodrigues*

RESUMO: Nosso objetivo é, através de uma análise do livro XVII da obra *Institutiones Grammaticae* de Prisciano de Cesareia, comparar os conceitos de uso, variação e norma, utilizados pelo nosso autor, com termos de mesma nomenclatura, porém utilizados na atualidade dos estudos linguísticos. Nossa pesquisa se desenvolveu mediante a leitura do texto original latino, tendo como suporte uma tradução da obra para o francês. Assim, podemos observar que o emprego de tais termos na antiguidade parecia não possuir o caráter normativo que apresentam hoje, declarando estes usos linguísticos, antes classificados como erros, como variações da língua, atestadas também em autores da era de ouro da literatura latina.

Palavras-chave: variação; uso; norma; Prisciano.

A partir dos conceitos de *uso* (*usus*), *variação* (*uariatio*) e *norma* (“*latinitas*”) trabalhados por Prisciano de Cesareia, em suas *Institutiones grammaticae*, temos como objetivo um breve estudo destes e a comparação os termos de mesma nomenclatura, porém utilizados no âmbito dos estudos da linguagem. Com efeito, algumas diferenças no modo como estes termos eram usados por Prisciano e como são usados atualmente nos manuais da língua devem ser ressaltadas para não haver anacronismos indesejados. Nossa pesquisa se desenvolveu através da leitura de uma tradução do texto original latino, apoiando-se neste sempre, e da utilização de dicionários hodiernos especializados no assunto, citados na bibliografia. E assim, podemos observar que o emprego de tais termos na antiguidade parecia não possuir o caráter normativo que apresenta atualmente, pois Prisciano levava em consideração a experiência dos falantes, declarando usos linguísticos, que antes eram classificados tais quais erros, como variações da língua, atestadas também em autores áureos.

As *Institutiones grammaticae*, obra de maior importância de Prisciano de Cesareia, são divididas em dezoito livros. A obra foi dividida de acordo com as partes da oração (ou “classes de palavras”, como chamaríamos hoje) e sua apresentação morfológica. Nosso interesse é, em especial, nos dois últimos livros, XVII e XVIII, os quais, doravante, serão chamados de *De constructione*, cujo assunto são os usos sintáticos das classes de palavras, expostas morfológicamente nos livros anteriores. Sabe-se pouco sobre a vida do autor, salvo que ele é nativo da Maurítânia, no atual Marrocos, e que se fixou em Constantinopla (Robins, 1993. p. 88).

Como nosso objetivo é fazer uma comparação entre os conceitos de *uso*, *variação* e *norma* trabalhados por Prisciano e seus correspondentes, consultamos alguns

* Graduação em andamento em Letras – Latim, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Brasil (2011).

dicionários para obter tais resultados. Segundo Neveu (2008, p. 299), em uma comunidade sociocultural, o termo *uso* refere-se a uma manifestação que os indivíduos fazem da língua em norma padrão em determinado momento. *Norma*, segundo Aquino (2008, p. 238), é aquilo que é considerado ideal, correto, com base nas práticas linguísticas de classes sociais de maior prestígio. No campo gramatical, segundo o autor, esse *uso* baseado no “correto” e no “prestigioso” é também chamado de *norma culta*. Diante de tais constatações, podemos verificar que, segundo estes autores, os termos *uso* e *norma* são classificados de acordo com a manifestação linguística de parte dos falantes de determinado idioma, em certa comunidade sociocultural, deixando de lado manifestações de linguagem estigmatizadas socialmente.

Entretanto, Trask (2004, p. 302), por sua vez, descreve o *uso* como os hábitos escritos e falados coletivamente dentro de um grupo específico de falantes, porém, tratando a língua como um “objeto” cindido, uma vez que está é um conjunto de variações não uniformes: no português brasileiro, por exemplo, há diversas pronúncias, construções oracionais e aspectos semânticos que não são típicos em todas as regiões, mas são características de certos lugares (a prosódia nordestina, por exemplo, é diferente da mineira), de certas profissões (um biólogo possui um léxico diferente de um engenheiro químico, por exemplo) e de certos estilos (as gírias utilizadas em São Paulo nem sempre são iguais às usadas na cidade do Rio de Janeiro). Nota-se que o conceito de *uso*, aqui, é descrito como uma heterogeneidade da língua, ou seja, um retrato da diversidade de práticas linguísticas de um grupo de falantes e não uma forma de expressão, necessariamente, ligada apenas à parcela mais escolarizada e detentora de formas de falar consideradas de prestígio social. Há, desse modo, diversas diferenças no meio como os falantes se apropriam da linguagem e a utilizam para se comunicar.

Assim, quanto à *variação*, esta pode ser definida como uma manifestação da variabilidade das línguas naturais, observada na diversidade dos usos linguísticos de uma comunidade (NEVEU, p. 303). A *variabilidade*, por sua vez, é definida levando-se em consideração a diversidade dos usos linguísticos em determinada comunidade, ou seja, é uma característica essencial das línguas naturais – as quais são suscetíveis às variações e mudanças no *continuum* tempo-espço.

Na tradição gramatical, foram catalogados tipos de fenômenos que espelham a variação linguística e, de certa maneira, são constitutivos tanto do uso de determinada língua, nos termos que definidos acima, como das tensões sociais que se estabelecem entre a diversidade desses usos e a estipulação de uma “norma”: trata-se do barbarismo (*barbarismus*) e do solecismo (*solecismus*). Em suas acepções, Aquino (2008, p. 335) define tais fenômenos tendo como contraponto a noção de “norma”. Segundo suas definições, fenômenos de solecismo e barbarismo tratar-se-iam de desvios a essa norma, os chamados “vícios de linguagem”.

O *solecismo* seria um desvio no campo sintático, seja por concordância (“houveram muito gritos” no lugar de “houve”), regência (“ele assistiu o filme mais de dez vezes” no lugar de “assistiu ao filme”) ou por colocação pronominal (“ninguém avisou-me” no lugar de “me avisou”). Já o *barbarismo*, ainda segundo Aquino (2008, p. 48-49), consistiria, por um lado, em um “erro de pronúncia”, que pode ser dividido em: i) fenômeno que se compõe de um desvio prosódico, como em “destro”, palavra cuja pronúncia “correta” é com a vogal “e” fechada / e / e não aberta / ε /, como é comum pensar e ii) fenômeno em que há a troca da posição da sílaba tônica, como em “**r**úbrica” em vez de “rub**r**ica”. Por outro lado, o barbarismo pode ser referido como um erro de grafia ou flexão, bem como, por exemplo, “excessão” por “exceção”.

No âmbito linguístico da Antiguidade, Prisciano, em sua obra, faz uma esquematização ascendente das partes da oração, começando pelas letras, ao dizer que

quando estas estão bem-dispostas formam sílabas; estas, por sua vez, quando bem arranjadas, formam palavras e estas últimas, quando em harmonia, constituem uma oração completa (§2). Desse modo, a oração bem construída de Prisciano baseia-se em uma ordenação congruente das palavras que, juntas de modo coerente, formam uma oração completa. A qualidade de coerência estabelecida entre estas palavras é o que o autor chamava de *congruentia*, ou seja, é a ordenação harmoniosa das partes concordantes. E é a partir desta ordenação das partes que se pode construir uma oração repleta de sentido.

Entretanto, em se tratando de linguagem, nem sempre a organização dessas palavras dentro das frases acontecia segundo a lógica interna da língua – a *ratio*. Assim, nosso autor trata da *incongruitas*: fenômeno em que os elementos do interior da oração não estavam em conformidade ou ligados harmoniosamente uns com os outros. A partir deste fenômeno, Prisciano trata de construções que participam, com efeito, do uso efetivo da língua, mas que parecem não seguir os princípios lógicos de sua sintaxe. Em *De constructione*, Prisciano cita dois tipos de *incongruitas*, a saber: *barbarismus* e *soloecismus*.

A reflexão sobre *barbarismus e soloecismus*, presente no âmbito da retórica latina, pode-se dizer, tem um caráter essencialmente normativo: tais conceitos eram considerados como vícios de linguagem, que diminuía o prestígio da própria língua. Estes dois termos são mencionados no mais antigo tratado de retórica supérstite, atribuído a Cícero, mas cuja autoria abre campo para discussão: a *Retórica a Herênio*¹. A obra foi composta, provavelmente, entre os anos de 86 e 82 a.C. e, como um manual, fornece regras sobre o discurso oratório. Abaixo, o autor discorre sobre os conceitos de barbarismo e solecismo:

Como já se disse em que gêneros ela deve versar, vejamos agora o que deve possuir a elocução cômoda e perfeita. Para que convenha o mais possível ao orador, deve ter três características: elegância, composição, dignidade. A elegância faz com que cada tópico pareça ser dito correta e claramente. Divide-se em vernaculidade e explanação. A vernaculidade [*Latinitas*] conserva a fala pura, afastada de todo o vício. Os vícios da linguagem, que depreciam o vernáculo, podem ser dois: solecismo e barbarismo. O solecismo ocorre quando, em meio a um grupo de palavras, uma delas não concorda com outra que a precedeu. Há barbarismo quando algo de vicioso se manifesta nas palavras. Por quais métodos podemos evitar esses vícios, esclareceremos na arte gramática. (*Ret. a Her.*, IV, 17)²

Na análise de Prisciano, todavia, a reflexão em torno do solecismo e do barbarismo, não se refere à “correção” da linguagem, não tendo por referência um ideal normativo (a *Latinitas*), mas a uma “desarmonia” (*incongruitas*) em relação aos

¹ As primeiras referências textuais à obra começam a surgir apenas no século IV em Jerônimo, Rufino e em Prisciano. Esta obra foi comumente atribuída a Cícero devido à semelhança entre *De inuentione* e os três primeiros livros do manual endereçado a Herênio. Tal atribuição só começou a ser questionada no século XV. Cf. FARIA & SEABRA, 2005, p. 11-12

² Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra (2005): *quoniam, quibus in generibus elocutio uersari debeat, dictum est, uideamus nunc, quas res debeat habere elocutio commoda est, três res in se debet habere: elegantiam, compositionem, dignitatem. Elegantia est, quae facit, ut locus unus quisque pure et aperte dici uideatur. Haec tribuitur in Latinitatem et explanationem. Latinitas est, quae sermonem purum conseruat, ab omni uitio remotum. Vitia in sermone, quo minus is Latinus sit, duo possunt esse: soloecismus et barbarismus. Soloecismus est, cum in uerbis pluribus consequens uerbum superiori non adcommodatur. Barbarismus est, cum uerbis aliquid uitiose effetur. Haec qua ratione uitare possumus, in arte grammatica dilucide dicemus.*

princípios que regem a concatenação sintática da língua, a *ratio*. Entretanto, é fácil notar que o solecismo atestado por Aquino, em seu dicionário de gramática, tem o mesmo sentido que Prisciano nos ofereceu em seu manual. Ou seja, entendemos como solecismo qualquer erro de sintaxe, seja por concordância, regência ou colocação pronominal.

Contudo, o caráter normativo, encontrado nas definições contemporâneas, estava ausente nos termos utilizados na Antiguidade Tardia por Prisciano. O barbarismo, como vimos, consiste em um erro de pronúncia, grafia ou de flexão. Entretanto, Prisciano **não** parece nos oferecer um manual de como a língua deve ser falada, levando em consideração os falantes mais prestigiados. Nota-se com facilidade que qualquer língua, seja moderna ou clássica, não constitui um sistema comunicativo incondicional ou absoluto, mas sim um sistema que se desenvolve de forma não premeditada, fracionado em usos variados, cuja adequação depende das situações nas quais os falantes se encontram. Prisciano nos mostra, desse modo, a diversidade que a língua latina concebia como sistema de comunicação.

Assim, Prisciano, em *De Constructione*, desvincula a noção de *usus* referente à norma culta (no domínio latino, tratada como o *usus/latinitas*) do *usus* recorrente e natural que os falantes fazem da língua – do mesmo modo como Aquino (2008) e Trask (2004) o fazem. Segundo estes, o uso da língua deixa de ser regido pelo modo de comunicação entre as classes de maior prestígio social e passa, então, a ser um meio de comunicação definido pelas situações em que os falantes se encontram, não sendo, portanto, uniforme ou invariável. Há certas construções que não são encontradas nos manuais normativos, mas que funcionam perfeitamente no dia a dia dos falantes, como o uso de um pronome sujeito no lugar de um complemento verbal como em “eu vi ela”, ao invés de “eu a vi”.

No tratado sobre sintaxe de Prisciano, conseguimos perceber essa ideia de que a língua não é uniforme em virtude de exemplos, extraídos de textos canônicos da literatura latina, que ilustram um uso recorrente da língua, mesmo que este destoasse entre as regras pré-estabelecidas pela gramática. Como no exemplo abaixo:

Virgílio, na Eneida I:

Pars in frusta secant ueribusque trementia figunt, [“uma parte corta em pedaços e [os] espeta ainda tremendo, como oferendas” – Virgílio, Aen. I, 212] onde há concordância pelo sentido, já que uma “parte” (*pars*) dos troianos faz entender muitos, levando o verbo *secant* ao plural. Da mesma forma em Homero: ὦς φάσαν ἢ πληθύς [“assim diz o povo” – Homero, Il. 2, 278] (Prisciano, Inst. gram. XVII, GL III, 184, 6-11)³

Embora os termos utilizados por Prisciano, na Antiguidade Tardia, tenham “homônimos” no mundo contemporâneo, os conceitos apresentados por nosso autor se diferem daqueles apresentados nas gramáticas em relação ao seu aspecto linguístico: enquanto nos manuais de hoje é mais comum vermos questões como **certo vs. errado** em nossa língua, Prisciano trouxe, em *De constructione*, exemplos da diversidade que uma língua pode assumir, de acordo com as situações em que os falantes se enquadram. Desse modo, a atenção de Prisciano se volta para a língua como um objeto empírico, baseando-se assim na experiência dos falantes e em observações desses usos que,

³ Cf: *Construuntur igitur diuersi numeri, ut Vergilius in I Aeneidos: 'pars in frusta secant ueribusque trementia figunt'; ad sensum enim, quia pars Troianorum plures in hoc loco intelleguntur, plurale reddidit uerbum secant, quomodo et Homerus: ὦς φάσαν ἢ πληθύς*. Tradução de Fortes.

segundo outros autores seriam considerados solecismos ou barbarismos, ou seja, desvios da norma considerada padrão da época.

Além disso, fica evidente que Prisciano não recrimina a utilização destes “desvios” e os considera como construções possíveis na língua, abarcados no âmbito das *figurae* – variações que, mesmo contrárias à *ratio* linguística, são atestadas tanto pelo uso comum dos falantes, como pela utilização de poetas e prosadores da chamada era de ouro da literatura latina. Isto é, as construções que na tradição artigráfica latina eram consideradas casos de *soloecismus* ou *barbarismus* (desvios de linguagem, tendo por referência a *Latinitas*, ou seja, o modo mais incorrupto de se expressar) são assimiladas, em *De constructione*, como partes de uma manifestação real da língua, sem prejuízo linguístico aos falantes – sendo legitimadas por sua representação até mesmo nas obras dos melhores autores.

ABSTRACT: Our aim is, through an analysis of the book XVII of Priscian’s *Institutiones Grammaticae*, to compare the concepts of use, variation and norm, used by our author, to terms of same nomenclature, but used nowadays in the Linguistics Studies. Our research was developed by means of reading of the original Latin text, having as a support a translation of the text into French. Consequently, we could notice that the use of such terms in the Ancient Times seemed not to have this normative nature they have today, declaring these Linguistic uses, classified before as errors, as language variation, certified in the authors of golden literature era as well.

Key-words: variation; use; norm; Priscian

Referências:

AQUINO, Renato. Dicionário de gramática: *Português prático e acessível, noções de linguística e filologia, contém mais de 2700 verbetes*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FORTES, Fábio da Silva. *Sintaxe Greco-romana: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na história do pensamento gramatical antigo*. Campinas, São Paulo: 2012.

NEVEU, Franck. Dicionário de ciências da linguagem. Traduzido por Albertina Cunha, José Antônio Nunes. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

PRISCIANO. *Institutionum Grammaticarum libri XVII & XVIII*. In.: *Grammaire, livre XVII – syntax, 1*. Traducion introduite et anotée par le Groupe Ars Grammatica. Librarie Philosophique J. Vrin: Paris, 2010.

[PS-CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

ROBINS, Robert Henry. *The byzantine grammarians: their place in history*. Berlin, New York: Mouton de Gryuter, 1993.

TRASK. R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

Data de envio: 24-10-2016
Data de aprovação: 24-11-2016
Data de publicação: 17-03-2017